

A luta pela vida: reportagem multimídia sobre o serviço de transplante em Mato Grosso do Sul¹

Iasmim Amiden dos SANTOS²

Gerson Luiz MARTINS³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

“A luta pela vida⁴” é uma reportagem multimídia no formato *longform*, que no cibermeio segue um padrão de leitura vertical e uma navegação intuitiva, sobre o serviço de transplante em Mato Grosso do Sul: a consequência da paralisação na Santa Casa de Campo Grande e o trabalho em torno da conscientização da doação de órgãos e tecidos. Produzida para a disciplina de Ciberjornalismo II do sexto semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a reportagem de gênero informativo faz a convergência entre elementos como fotografia, vídeo, áudio e texto, que constituem a multimídia característica do jornalismo digital, que valoriza a apuração e contextualização dos fatos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo digital; jornalismo informativo; longform; reportagem multimídia; transplante.

1 INTRODUÇÃO

As consequências ocasionadas devido à paralisação do serviço de transplante na Santa Casa de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por ordem no Ministério da Saúde em 2013, foram o estímulo para se trabalhar o tema da reportagem “A luta pela vida”. Com o intuito de informar à população sobre as condições atuais do serviço de transplante, expor ao poder público e demais órgãos de saúde esse problema social e promover a cultura da conscientização em torno da doação de órgãos e tecidos, o trabalho parte de um conflito entre interesses de “quem manda e quem obedece” assim como afirma Lage (2001, p.35):

O jornalismo é um discurso datado: cada texto parte de um contínuo que reflete o conflito entre os interesses de quem manda e as preocupações e angústias de quem obedece, em cada campo de relações da sociedade: governo e povo, médicos e pacientes, escolas e estudantes etc.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 07 Produção em Jornalismo digital (avulso/ conjunto ou série).

² Aluna líder e estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: iasmim.amiden@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: gersonluizm@gmail.com.

⁴ Pode ser acessada em: <<http://www.primeiranoticia.ufms.br/especiais/alutapelavidareportagem/>>

A suspensão do serviço resultou em uma lista de espera com mais de 300 pessoas para transplante renal, encaminhamento dos pacientes a outras regiões para o transplante cardíaco e exportação de órgãos coletados na capital para outros estados. Os problemas estruturais e a falta de capacitação profissional apresentada pela Santa Casa foram discutidos em Audiência Pública convocada pela Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Mato Grosso do Sul (OAB/MS) para verificar a possibilidade de retomar as atividades.

A retomada ficou prevista para janeiro de 2015 e desde então foram realizados apenas dois transplantes renais, de doador vivo, segundo dados da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos⁵ (ABTO). A situação à que estes pacientes estão submetidos agrava a saúde pública do estado, enquanto alguns precisam mudar de cidade para entrarem em outra lista de espera, outros ficam presos às máquinas de hemodiálise, nos casos de transplante renal, pelo menos três vezes por semana durante anos, e aos exaustivos tratamentos médicos, nos casos de transplante de medula óssea, por exemplo, o que gera maior gasto aos cofres públicos e nenhuma previsão de melhorias para o setor de saúde.

O tema deu origem a uma grande reportagem multimídia *longform* devido aos diversos contextos que abrange como a capacitação de equipe médica, estruturação do hospital, funcionamento das listas de espera para transplante, gastos e problemas enfrentados pelos pacientes, legislações e campanhas sobre a doação, entre outros. Além disso, demandou uma produção jornalística que possibilitasse didática, que não fosse um mero conteúdo informativo, que se diferenciasse das mídias tradicionais, e que permitisse maior inserção do leitor no problema social retratado e a exploração da polivalência do jornalista, que é responsável pela produção do texto, das fotografias, filmagens, do designer gráfico e da programação. Neste processo de produção, Schwingel (2012) define o jornalista como o arquiteto da informação, característica da terceira geração do jornalismo digital, em que há a convergência de elementos e funções.

Experiências de terceira geração – a partir de 1999, quando os produtos são elaborados tendo em vista os diferenciais do ciberespaço, já sem uma vinculação direta somente com o modelo do impresso. O radiojornalismo e o telejornalismo também passam a ser integrados; o audiovisual ganha força, bem como os mecanismos de interatividade. O processo de produção da informação passa a se diferenciar ainda mais do impresso, sendo

⁵ Pode ser acessado em: <<http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2015/rbt3trim-parc1.pdf>>

que é totalmente controlado pelos jornalistas [...] (SCHWINGEL, 2012, p. 30).

O formato *longform*, conhecido pela reportagem multimídia produzida para a versão online do jornal americano The New York Times, em 2012, “Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek⁶”, que revolucionou os modos de produção jornalística para Web, é definido por Longhi (2014, p. 914) como uma forma de narrativa textual mais consistente, que segue um padrão de leitura vertical, dado pela barra de rolagem.

O jornalismo longform vai muito além do texto longo. A abundância do texto verbal sinaliza um resgate da qualidade, apuração e contextualização já conhecidos do jornalismo impresso, especialmente consagrados pela reportagem. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 8).

Devido à relevância desse produto para o jornalismo digital, o título se tornou um verbo em meio aos jornalistas, que designa a ação de produzir reportagens longas que explorem a interatividade, hipertextualidade e multimídia. Segundo Castilho (2013, p. 1), *Snowfall* virou uma espécie de jargão jornalístico para identificar a combinação de canais de comunicação numa narrativa online.

No Brasil, alguns jornais também divulgaram matérias especiais multimídia, entre elas: “Crack⁷”- O Estado de S. Paulo, “As quatro estações de Iracema e Dirceu⁸” – Diário Catarinense e “A Batalha de Belo Monte⁹” – Folha de S. Paulo, que estimularam a produção para o cibermeio e intensificaram a procura dos leitores por alternativas às reportagens impressas e maior interação em relação ao conteúdo, por meio de comentários e compartilhamentos, por exemplo.

O termo multimídia adotado para caracterizar o produto da reportagem “A luta pela vida” é aqui entendido assim como definem Chapman & Chapman (2000): uma combinação, controlada por computador, de texto, gráficos, imagens, vídeo, áudio, animação, e qualquer outro meio pelo qual a informação possa ser representada, armazenada, transmitida e processada sob a forma digital.

2 OBJETIVO

O trabalho visa explorar as potencialidades do jornalismo para Web, os recursos multimídia, os níveis de interatividade com o leitor e a hipertextualidade por meio dos

⁶ Pode ser acessada em: < <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/>>

⁷ Pode ser acessada em: < <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/crack/>>

⁸ Pode ser acessada em: < http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/>

⁹ Pode ser acessada em: < <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>>

blocos informativos que contêm relatos de pacientes que sofrem com a paralisação do serviço de transplante em Mato Grosso do Sul, dos médicos, que trabalham em prol da reativação, e da mobilização de outros profissionais da área da saúde para romper com o tabu e incentivar a doação de órgãos e tecidos.

A reportagem tem a proposta de colocar em prática a polivalência do jornalista: desenvolver melhor as técnicas de produção audiovisual, aperfeiçoar o diálogo nas entrevistas, exercitar a criatividade no design gráfico e elaborar programações em HTML5¹⁰. Além disso, evidenciar a relevância de se trabalhar esse tipo de reportagem em uma das disciplinas obrigatórias da graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, mesmo que com equipamentos limitados e pouco recurso financeiro.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deve à produção, inexistente, de reportagens aprofundadas no estado de Mato Grosso do Sul que retratassem a realidade do serviço de transplante, desconhecida ou não compreendida pela maioria da população. De acordo com o Ministério da Saúde, apesar de o Brasil realizar 95% das cirurgias de transplante pelo SUS, com assistência integral ao paciente, a região Centro-Oeste ainda é uma das que menos têm captação de órgãos e realização de transplantes. MS está entre os estados que menos realiza o serviço e possui equipes médicas capacitadas apenas para transplante de coração, rim e córnea. Com a paralisação do único estabelecimento cadastrado pelo Ministério da Saúde, a Santa Casa de Campo Grande, na realização de transplante, alguns pacientes precisaram mudar de estado ou vivem sem perspectiva de serem transplantados.

Além das consequências da suspensão, outros fatores contribuíram para a seleção da temática: a falta de informação sobre o processo de doação, sobre as leis que se aplicam nesse contexto e as condições para que outros tipos de transplantes sejam realizados na capital. O pouco incentivo que ainda existe para a divulgação de campanhas de conscientização, o evidente tabu social sobre a situação após a morte, as escolhas que envolvem a doação de órgãos ou tecidos de entes queridos, foram também razões que despertaram o interesse no tema. A Santa Casa teve em 2015, 60% de recusa familiar para doação de órgãos de parentes em morte encefálica, segundo dados do próprio estabelecimento, o que reitera a necessidade de levar a informação de qualidade à sociedade.

¹⁰ HTML5 é a mais recente evolução do padrão que define o HTML (Hypertext Language Markup).

O tema permite ainda refletir sobre as questões éticas e deontológicas do fotojornalismo, em que as fotografias precisaram ser pensadas de modo a não expor a privacidade dos pacientes e não explorar suas fraquezas como nas situações de divulgação fotográfica das cirurgias de transplantes que foram acompanhadas e registradas para um melhor entendimento do processo. Sobre esta questão, Souza (2004) afirma que, em certas ocasiões, as imagens têm maior impacto do que as palavras e nesta circunstância cabe um debate ético no campo do fotojornalismo.

[..] Entre as questões que, nesse domínio, mais têm sido discutidas, encontram-se aquelas que se relacionam com a realização e difusão de imagens que colocam em causa o direito à privacidade, que afetam determinados valores (fotos de nus, etc.) ou que representam situações violentas, traumáticas ou chocantes. (SOUZA, 2004, p. 135).

A opção por desenvolver uma reportagem multimídia se deu além dos diferentes níveis de abordagem que a temática demanda, mas pelo perceptível panorama a que o jornalismo atual se encontra: produção em massa para a Web devido à popularização da internet, o fácil acesso, a atualização instantânea, espaço de produção ilimitada, exploração dos recursos de todos os meios jornalísticos tradicionais.

Face às limitações de multimedialidade dos meios analógicos anteriores, a Web oferece uma plataforma de enorme versatilidade para a integração de formatos textuais, gráficos e audiovisuais. Não é, portanto, de estranhar que após a irrupção da internet o conceito de jornalismo multimídia tenha alcançado especial protagonismo. De fato, graças à Web multiplicaram-se as possibilidades para o crescimento da narrativa multimídia. (SALAVERRÍA, in CANAVILHAS, 2014, p. 32).

O crescente uso da internet para a leitura de conteúdos jornalísticos é destacado na Pesquisa Brasileira de Mídia¹¹ (PMD) de 2015, feita pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM). A internet foi apontada como o meio mais utilizado por 42% dos brasileiros entrevistados. Não como nos meios tradicionais que demandam horários específicos para acompanhar as programações dos jornais, a internet pode ser acessada a qualquer hora em qualquer lugar do mundo. Cada bloco informativo da reportagem pode ser lido em horários distintos e não há necessidade de se prender a

¹¹ Pode ser acessada em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>

linearidade dos fatos. O leitor pode começar pelo intertítulo que mais lhe desperta interesse, sem a fuga da contextualização com o acontecimento principal. A navegação da reportagem multimídia é facilitada pelo formato *longform*, que dispõe o texto longo numa leitura vertical, com navegação intuitiva realizada pela barra de rolagem.

A dimensão narrativa verticalizada tem se destacado com maior frequência nas grandes reportagens multimídia e em portais específicos de *longform*. Em alguns casos, a GRM [grande reportagem multimídia] é também dividida em capítulos ou seções, que possibilitam ao usuário diferentes caminhos de leitura. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 11).

O gênero informativo utilizado no texto da reportagem segue os padrões das produções jornalísticas realizadas para disciplina de Ciberjornalismo II do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFMS, que são publicadas no site laboratório “Primeira Notícia¹²”. Para Beltrão (1980) o texto informativo é o relato puro dos fatos pertencentes ao presente imediato ou ao passado que sejam socialmente significativos e quando utilizados numa reportagem revelam ainda mais seu valor social.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento da pauta jornalística, o trabalho sobre a temática da reportagem, exigiu pesquisas documentais, realizadas nos bancos de dados da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), Aliança Brasileira pela Doação de Órgãos e Tecidos (ADOTE), Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), entre outros.

A elaboração da pauta foi baseada no modelo apresentado por Schwingel (2012, p.60) com a seguinte estruturação: Assunto (tema da matéria); Histórico/Informações (descrição do conteúdo e do contexto); Enfoque (hipótese a ser confirmada ou refutada, uma linha que conduz todos os desdobramentos da matéria); Recursos midiáticos (explicação dos recursos a serem inseridos na estrutura narrativa); Arquitetura da informação (explicação tela a tela dos possíveis desdobramentos da matéria; um fluxograma) e Fontes (todo o elenco de possíveis entrevistados).

Somado a estrutura supracitada, o roteiro de perguntas para auxiliar no diálogo com os entrevistados. A entrevista se deu pela técnica abordada por Lage (2001), em que o procedimento é uma expansão da consulta às fontes, permitida por um diálogo bem apurado, que se consolida na coleta de interpretações e reconstituições dos fatos. Para

¹² Pode ser acessado em: <<http://www.primeiranoticia.ufms.br/>>

manter a credibilidade dos relatos, foram utilizados gravadores e máquinas fotográficas, que também filmam. Ao todo foram realizadas 11 entrevistas no período de duas semanas para se adequar ao prazo total de produção, que ficou estabelecido em 30 dias. Todas as entrevistas foram transcritas para auxiliar a estruturação do texto, que foi construído no gênero informativo de reportagem. Para Marques de Melo (2003), a reportagem informativa amplia um acontecimento que repercute no organismo social.

As fotografias e os vídeos foram selecionados e editados de acordo com a versão final do texto, de modo a complementar, auxiliar e/ou contextualizar a reportagem. Os registros fotográficos foram baseados em estudos e definições apresentadas por Souza (2004). O gênero fotojornalístico predominante é o retrato ambiental, que constrói a identificação dos personagens e faz associações de suas personalidades com as situações que são reveladas naquele cenário, por exemplo, os médicos nas salas de cirurgia, os pacientes nos hospitais e representantes das causas do transplante nas sedes das associações.

Conforme o seu nome indica, os retratos ambientais jogam com o ambiente em que o sujeito (ou o grupo) é retratado e com os objetos que o rodeiam para salientar um determinado aspecto da sua personalidade. A melhor forma de tirar partido do ambiente num retrato é selecionar um espaço que seja habitual ao sujeito (ou ao grupo) retratado e que seja igualmente tão pessoal e característico quanto possível. (SOUZA, 2004, p. 125)

Para a edição dos vídeos foi utilizado o software profissional “Adobe Premiere Pro CC”, que demandou estudos prévios de edição básica por meio de tutoriais disponíveis na internet. A montagem do site também exigiu conhecimentos técnicos aprofundados como a utilização da programação em HTML5. Algumas partes da reportagem foram estruturadas por linguagens de programação e outras pelo software “Adobe Muse”, que permite a criação interativa de conteúdo para a Web. Os níveis de interatividade ficaram limitados devido ao tempo estipulado para a produção, mas o trabalho se comprometeu na apresentação do mínimo possível com qualidade de informação e execução dos recursos multimídia.

O uso do formato *longform* partiu da leitura bibliográfica de estudos de análise deste recurso como o futuro das produções do webjornalismo. A principal referência foi de Longhi e Winkes (2015) que salientam o formato como uma capacidade de ir além dos tradicionais métodos de apuração do jornalismo diário, que valoriza os fatos, com uma ótica humanizada, por meio de diferentes instrumentos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A reportagem foi estruturada em intertítulos dispostos verticalmente e hierarquizados de acordo com o grau de relevância do problema social: Rim, Coração, Córnea, Medula Óssea, Leis e Conscientização. Podem ser acessados pela barra de rolagem ou pelo Menu interativo (*Figura 1*), que rompe com a linearidade, mas mantém a contextualização dos acontecimentos.



Figura 1. Menu interativo com os intertítulos da reportagem multimídia “A luta pela vida”.

O vídeo em *loop* no fundo do Menu faz uma associação ao serviço do qual a reportagem se trata, e de acordo com o posicionamento do mouse sobre as fotos, o leitor é informado sobre o conteúdo a ser encontrado caso clique na opção.

Os efeitos de rolagem consistem na aparição de fotografias e vídeos conforme o texto introduz os fatos. A imersão é feita por meio dos recursos multimídia que revelam características das fontes, suas angústias e preocupações, em relação ao contexto do serviço de transplante em Mato Grosso do Sul. Logo no primeiro tópico da reportagem, é apresentada uma linha do tempo interativa, que complementa as informações textuais, com o relatório da Audiência Pública, que levou médicos e pacientes do estado ao debate sobre os problemas sociais que o serviço de transplante envolve.

Para evitar a poluição visual com o uso de documentos em tamanho original, foi utilizado um efeito de visualização. Os documentos são ampliados com a sobreposição do mouse para facilitar a leitura e permitir que as imagens não atrapalhem o padrão da reportagem, que apresenta fotografias em tamanhos pequenos.

As fotos de ambiente e pessoas também são padronizadas no gênero retrato, que associa a fala da fonte com sua aparência física, ou por meio das fotografias posicionadas ao lado das citações, ou pela sobreposição do mouse no nome de alguns dos entrevistados. Para Souza (2004, p.121), “o retrato fotojornalístico existe, antes do mais, porque os leitores gostam de saber como são as pessoas que aparecem nas histórias”.

As principais cores utilizadas no layout da reportagem são: o verde, usado para relembrar o “Setembro Verde”, que faz alusão ao Dia Nacional de Doação de Órgãos, o lado positivo do tema abordado, e a cor vermelha que traz o lado negativo, o sangue consequente das inúmeras vidas que foram perdidas ou que correm risco de morte à espera de um transplante.

A fonte tipográfica utilizada é a “Georgia”, serifada, para garantir a legibilidade tanto para títulos quanto para o corpo de texto, com variação apenas no tamanho, entre 14 e 50. O corpo de texto está alinhado à esquerda, por uma escolha visual, que rompe a padronização justificada dos jornais impressos, e que permite explorar o lado direito da tela com outros elementos como fotografia e vídeo. Os vídeos foram disponibilizados em formatos de MP4, Ogg e WebM, para que possam ser executados em diferentes navegadores utilizados pelo leitor.

6 CONSIDERAÇÕES

Sobre a temática conclui-se a ausência de divulgações, pelos veículos locais, dos problemas relacionados à paralisação do serviço de transplante em Mato Grosso do Sul, que se agrava com o número de pessoas que são cadastradas diariamente na lista de espera, e a falta de incentivo do Poder Público e órgãos de saúde para a realização de campanhas informativas e de conscientização sobre a doação de órgãos e tecidos. O esclarecimento em torno deste tabu necessita de um trabalho contínuo nas escolas, universidades e nos meios de comunicação. A função social do jornalista é aqui representada pelas formas com que a temática deve ser abordada para que a população seja informada sobre todos os contextos e consequências que o serviço de transplante envolve na saúde pública.

O tema reforça o papel do jornalista que além de realizar pesquisas documentais, se insere no universo de suas fontes, para melhor compreender a situação à que estão submetidas. Diante a isso, interpreta os fatos e passa a questioná-los, busca mais que o diálogo estabelecido com os entrevistados. O resultado do acompanhamento de pacientes doentes à procura de doadores ou a espera de transplante, das cirurgias, do funcionamento das sedes das associações e das centrais responsáveis pelo funcionamento do serviço de

transplante, permitiram o desenvolvimento de uma reportagem que expõe ao mundo as dificuldades ainda encontradas na área da saúde e as consequências que a falta de assistência e descaso com os hospitais públicos acarretam na vida de milhares de pessoas.

A utilização do formato de reportagem multimídia *longform* possibilitou evidenciar os problemas constatados durante as entrevistas e análises documentais. A exploração de recursos audiovisuais e interatividade enriqueceram o texto informativo e proporcionaram diferentes níveis de contextualização. Além disso, contribuiu na formação acadêmica, que oportunizou a experiência profissional nas mais diversas atuações do jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Pt: Livros Labcom, 2014. Disponível em <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/121>> Acesso em: 01 de abr. de 2016.

CASTILHO, Carlos. **Efeito "snowfall" abre oportunidades para o jornalismo multimídia?** 7 de maio de 2013. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/o-efeito-longo-snowfall-abre-nova-oportunidade-para-o-jornalismo-multimidia>>. Acesso em: 01 de abr. de 2016.

CHAPMAN, N. & CHAPMAN, J. (2000). **Digital Multimedia**. John Wiley & Sons.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

LONGHI, Raquel. **O turning point da grande reportagem multimídia**. In: Revista Famecos. Porto Alegre, v. 21, n. 3, setembro-dezembro 2014. p. 897-917.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online**. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. In: Estudos de Jornalismo do XXIV Encontro Anual da Compós. Universidade de Brasília: Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-3c242f70-9168-4dfd-ba4c-0b444ac7347b_2852.pdf> Acesso em: 02 de abr. de 2016.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo, Paulinas, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.